

TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE CAICÓ (RN)

Ione Rodrigues Diniz Morais

Vice-Coordenadora da Base de Pesquisa *Semi-Árido: Natureza, História e Sociedade*
Proa Dra. do Depto de História e Geografia da UFRN
ionerdm@yahoo.com.br

Marcos Antônio Alves de Araújo

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
markufrn@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo pretende analisar as territorialidades e sociabilidades tecidas na feira livre da cidade de Caicó, localizada na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte. A feira livre dessa urbe, ocorrida expressivamente aos sábados, se constitui em um espaço onde inúmeros sujeitos sociais urdem suas relações econômicas, sociais e culturais. É no dia da feira que pessoas oriundas de outras regiões, do próprio município e da cidade se encontram, estabelecendo as territorialidades econômicas e, concomitantemente, tecendo as múltiplas sociabilidades. Feirantes e fregueses se apropriam, semanalmente, dos espaços centrais da cidade, protagonizando um espetáculo de compra, venda e permuta de variados produtos. Assim, a feira livre de Caicó, caracterizada como um dos eventos mais significativos do Estado, ainda se evidencia como um espaço preferencial dos transeuntes, que ao caminhar por suas sendas, realizam atos de comercialização e de trocas simbólicas e culturais.

Palavras-Chave: Feira Livre, Territorialidades e Sociabilidades.

TERRITORIALITIES AND SOCIABILITIES IN THE FREE FAIR OF THE CAICÓ CITY, RIO GRANDE DO NORTE STATE, BRAZIL

ABSTRACT

This article intends to analyze the territorialities and sociabilities weaveeed in the free fair of the city of Caicó, located in the portion center-meridional of the State of the Great River of the North. The free fair of this urbe, occured expressivamente to Saturdays, if constitutes in a space where innumerable social citizens urdem its economic relations, social and cultural. It is in the day of the fair that deriving people of other regions, of the proper city and the city if find, establishing economic territorialities e, concomitantly, weaveeing the multiple sociabilities. Feirantes and customers if appropriate, weekly, of the spaces central offices of the city, carrying out a spectacle of purchase, venda and exchange of varied products. Thus, the fair free of Caicó, characterized as one of the events most significant of the State, still is proven as a preferential space of the passer-bys, who when walking for its footpaths, carry through acts of commercialization and symbolic and cultural exchanges.

Keywords: Free fair, Territorialities and Sociabilities.

INTRODUÇÃO

Nas ruas da cidade, toda uma multidão heterogênea e variada se mistura. Sertanejos das vizinhanças, ansiosos de fazerem também sua feriazinha, acorrem à cidade nestes dias, trazendo os produtos da terra ou produtos animais para vender aos forasteiros. Aqui é uma preta que, com seu chapéu de palha, pito à boca, espera o freguês para seus doces; acolá um homem expõe objetos

objetos de indústria caseira: esteiras, cestos; outro, mais adiante, vende roupas e chapéus de couro, luvas, chibatas, e tudo se amontoa numa pitoresca desordem.

Elza Coelho de Souza (1975, p.174).

Ainda é madrugada no Sertão do Seridó, os intróitos raios do sol encetam o despontar no horizonte, pincelando o espaço seridoense com as luzes policromáticas do amanhecer. O cenário central dos sítios urbanos começa a ser adornado e montado com as múltiplas estruturas e funções que possibilitarão mais uma semana de realização da feira livre. Para a protagonização desse episódio, que acontece uma vez por semana, em boa parte das cidades que compõe a Cartografia Urbana do Seridó, vários atores sociais são emanados dos mais longínquos recônditos espaciais até os mais próximos.

Acerca dos itinerantes, sejam eles comerciantes ou fregueses, oriundos de outros recortes espaciais, estes percorrem, periodicamente, as sinuosas sendas do sertão, atravessando fronteiras estaduais, regionais e municipais. Geralmente essas travessias levam dias e noites, acontecendo em caminhões, motocicletas e demais veículos, repletos de objetos e produtos que serão comercializados no dia da feira.

Do mesmo espaço onde acontece essa manifestação sócio-econômica e cultural, homens, mulheres, jovens e crianças, provenientes da zona rural, também se mobilizam para participarem de mais um dia de feira, inclusive revisitando familiares e amigos, desenvolvendo, concomitante ao dia de mercado, eventosⁱⁱ e micro-eventosⁱⁱⁱ, e efetuando as atividades de compra, venda e troca de inúmeros produtos na malha urbana onde a feira está enxertada.

Partindo desse discurso, que constitui de forma sistemática uma representação peculiar da realidade abrangida pela feira livre no Sertão do Seridó Potiguar, elege-se, como temática e objetivo deste artigo, o estudo e a análise das territorialidades e sociabilidades na feira livre em uma cidade incrustada na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte: Caicó (ver localização na Figura 1).

O território caicoense, de acordo com os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE tinha, no ano de 2004, uma população estimada de 60. 266 hab., e uma área equivalente a 1.228,574 Km², ocupando as circunscrições espaciais da Microrregião do Seridó Ocidental. Seu espaço geográfico limita-se ao Norte com Jucurutu; ao Sul com São João do Sabugí e Santa Luzia/PB; ao Leste com Florânia, Cruzeta, São José do Seridó, Jardim do Seridó e Ouro Branco; ao Oeste com São Fernando, Timbaúba dos Batistas e Serra Negra do Norte.

Atualmente a cidade de Caicó se configura como o centro regional da microrregião supracitada, polarizando toda essa unidade espacial e algumas cartografias urbanas das regiões adjacentes, convergindo atividades atinentes aos setores de saúde, educação, comércio e prestação de serviços, e movimentando grandes contingentes populacionais. Esses serviços são encontrados com mais frequência no próprio centro do tecido urbano, onde este aglutina formas e funções que vão desde os serviços bancários aos serviços odontológicos, supermercados, clínicas, hospital, farmácias, sede da previdência social, fórum, cartórios, serviços de hotelaria e pousada, bares, restaurantes, lojas de calçados e confecções, além de outros tipos de comércio e serviços. O centro de Caicó, portanto, é dinâmico e apresenta um ritmo intenso e contínuo de passantes e veículos, revelando o poder concentrador desse espaço em detrimento de outros territórios da cidade.

A feira como um espaço de territorialidades e sociabilidades

Referente à origem da feira livre na cidade de Caicó, não se sabe ao certo, o período em que este surgiuⁱⁱⁱ. As datas de seu “nascimento” parecem que foram esquecidas no tempo e “sepultadas” na história do município. Possivelmente essas feiras “nasceram” com o surgimento do próprio núcleo populacional. De acordo com Weber (1979) *apud* Vedana (2004, p.11), o aparecimento das “[...] cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”. Contudo, sabe-se que a Feira Livre de Caicó,

em períodos pretéritos, estava incrustada em outro recorte citadino, mas, precisamente, na atual Praça Senador Dinarte Mariz, ou, Praça da Liberdade, como é mais desvelada entre os caicoenses^{IV}.

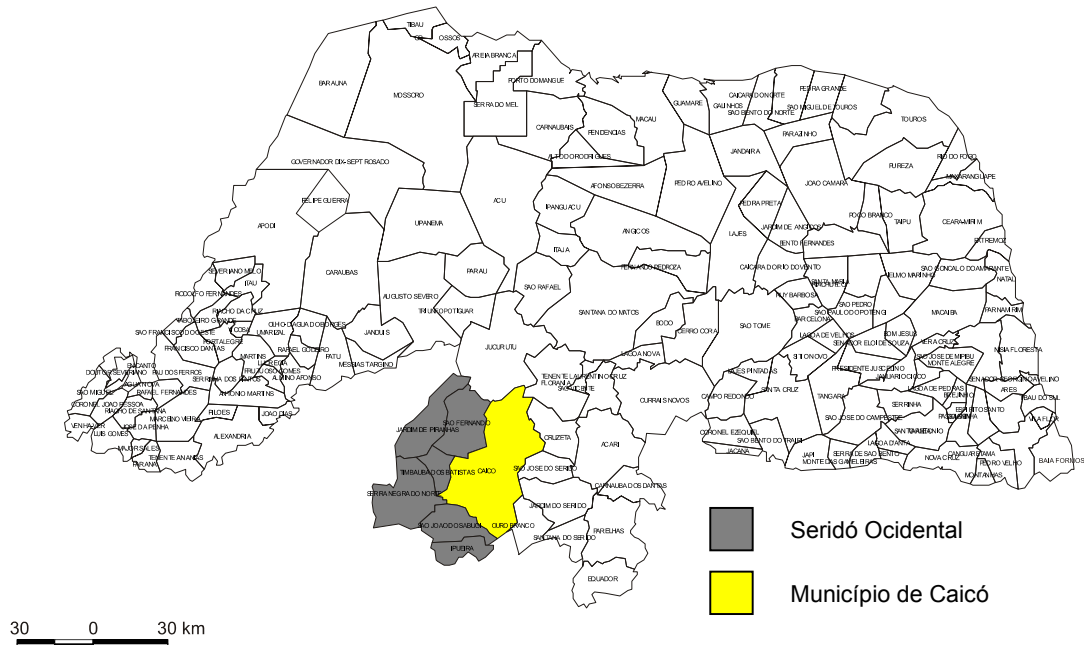


Figura 1 - Rio Grande do Norte: Caicó e sua espacialização no Seridó Ocidental.

Fonte: Elaboração do Autor - 2005 sobre Malha Municipal Digital do Brasil (1997), – IBGE/DGC/DECAR

Hodiernamente, assentada sobre um chão de concreto, todas as madrugadas e manhãs de sábado são erguidas estruturas de madeira que formam as bancas de hortifrutigranjeiros, carne-de-sol, queijos e biscoitos com a “marca caicó”, artesanatos, manteigas-da-terra, confecções, parafernália das mais variadas, dentre outros elementos, atendendo e abastecendo a população local e de outras cidades adjacentes. Nesse dia, o ritmo citadino muda, aumentando os fluxos e mobilidades sócio-econômicas. Desse modo, “tatuada” na malha urbana de Caicó, a feira ocupa as contigüidades do Mercado Público, localizado na Avenida Coronel Martiniano, e do Açougue Municipal, enxertado na Avenida Seridó.

Para o Mercado Livre de Caicó, essa avenida tem a função de interligar as duas feiras, formando um corredor comercial, por onde circulam os frequentadores e outros agentes sociais que, percorrendo as avenidas, ruas, esquinas e calçadas, estabelecem suas sociabilidades e territorialidades, descobrindo nos pequenos trajetos os lugares de parada.

Atinente as territorialidades urdidas na feira livre de Caicó, percebe-se que estas são simbolizadas por uma multiplicidade de atos, gestos, movimentos e dizeres, tecidos pelos atores sociais que frequentam e transitam pelos labirintos da feira.

Enquanto isso, as sociabilidades, imbricadas nas territorialidades, são visibilizadas como um conjunto de apropriações, usos, discursos, olhares, polifonias e representações sobre determinados espaços, territorializados pelas ações conduzidas por grupos sociais.

Destarte, ao caminhar pelos traçados das ruas e avenidas do Núcleo Central de Caicó, atina-se que a sua feira livre como retrato de uma realidade do rural/urbano, “[...] consegue resistir à

modernidade do ar condicionado, das lojas fechadas, das vitrines sedutoras, das propagandas sofisticadas, (...) diluindo-se as fronteiras entre o moderno e o tradicional, o campo e a cidade” (DANTAS, 1996, p.52).

Na feira de Caicó é possível descortinar uma polissemia de sociabilidades e territorialidades. Semanalmente, o espaço urbano central de Caicó é ocupado por inúmeros sujeitos sociais, que o frequentam para realizarem suas atividades econômicas, sociais e culturais. No âmbito da feira, observa-se um movimento constante de pessoas, transitando por suas vielas e corredores apertados.

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos.

De acordo com Braudel (1998, p.16), frequentada em dias fixos a feira é “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes (...)”. Completando o que foi dito por esse operário do saber, a feira é, concomitantemente, uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de territorialidades e sociabilidades.

No interior das feiras e em suas redondezas é tecida uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais. Os mercados livres, dominados pelo setor informal e terciário, apresentam elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessas reuniões coletivas.

Nessa trama complexa de dinâmicas e conotações, as praças de comércio tradicionais ou feiras livres não se constituem como um espaço único, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. No âmbito das feiras, são erigidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que frequentam esses espaços.

Através dessas atividades desenvolvidas no interior da feira livre, sejam elas comerciais ou culturais, dão-se a construção de territórios, que ora são delimitados fisicamente ou materialmente, ora são circunscritos simbolicamente. É comum ver na feira de Caicó vendedores que comercializam seus produtos em espaços sem nenhuma delimitação física. Porém, todos os sábados esses sujeitos estão no mesmo lugar, estabelecendo seus negócios. Por outro lado, existem aqueles indivíduos que tecem suas atividades econômicas e sociais em locais, delimitados com fronteiras físicas. Como exemplo, pode-se citar as estruturas e formas das barracas e bancas que se espriam no espaço central da cidade de Caicó.

Esses territórios erigidos pelas circularidades sociais no “universo” endógeno da feira, podem ser divididos em espaços públicos e privados. Deste modo, existem aqueles espaços da feira onde todos os passantes têm acesso, tipo os corredores. Enquanto há espaços que somente são frequentados por determinados sujeitos, ou seja, os espaços internos das barracas.

Entre os labirintos polifônicos, ruidosos e congestionados do mercado livre é possível descortinar uma multiplicidade de sujeitos e passantes transitando paulatinamente ou apressadamente por suas sendas. Concernente à função das feiras, além do econômico, Braudel (1998, p.14) expressa que “[...] seu papel é romper o círculo demasiado estreito de trocas normais. Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem”. Continua Braudel dizendo que, pelo menos, essas instituições ditas arcaicas continuam sobrevivendo e resistindo aos processos modernizadores, de maneira imbatível e, “[...] em dias fixos, antes nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais

de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros”.

Vedana (2004, p.215-216), em estudo etnográfico, ao analisar as práticas cotidianas no contexto das Feiras Livres em Porto Alegre/RS, por meio de uma averiguação das “artes de fazer”, formas de sociabilidade e performance de fregueses e feirantes da Feira da Epatatur, considera que a feira livre.

[...] representa uma certa marcação de ritmo no cotidiano da vida urbana, um ritmo que pode ser representado pelo seu início e fim e as imagens dos alimentos que vão se deteriorando ao longo do tempo. Um ritmo que fala da organização da vida cotidiana na temporalidade da semana, dos dias que passam até que novamente chegue o dia da feira e os alimentos da ‘cozinha’ possam ser repostos. De qualquer forma, estes rituais do tempo que se expressam nas dinâmicas propostas pela feira-livre e as práticas que engendra, trazem à tona um certo arranjo coletivo de se viver na cidade que está relacionado a uma ligação da vida humana ao cosmos, ou seja, os ciclos que se expressam nesta relação com o alimento também aparecem na periodicidade da feira durante o ano, na mudança de estações que revela uma mudança nas frutas a serem oferecidas, ou então nas táticas dos feirantes em garantir certas provisões. É a própria passagem da vida que é celerada na ambiência da feira-livre.

Nessa perspectiva, a feira livre se expõe, temporalmente, num ritmo cíclico, com começo e término, que se repetem sucessivamente em um movimento de “rotação” dos acontecimentos. Nesse espaço, também podemos perceber uma rede de sociabilidades urdidas pelos diversos andarilhos que, trilhando as veredas dos comércios de ruas, trocam conversas, saberes, fazeres, dizeres, brincadeiras, risos, jocosidades, táticas, estratégias, astúcias, experiências, enfim, tecem suas artes de comprar, vender, permutar, realizar a feira e de fazer histórias.

Destacada por uma pluralidade de indivíduos, de grupos, de procedimentos de apropriar-se do espaço e de redes informais, a praça de comércio tradicional se apresenta como o local usado e ocupado por velhos aposentados, políticos em suas propagandas eleitorais, mendigos, pedintes, desempregados, camelôs, solitários anônimos, engraxates, vendedores ambulantes, pregadores da palavra de Deus, isto é, pelas várias classes sociais que, amalgamadas, formam o elenco que atua e desenvolve os capítulos das realidades da vida cotidiana nas feiras livres. É nesse universo da feira que ocorrem as perambulações à procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades.

Dessa maneira, “entrecortada nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e diferentes formas de apropriação, as redes de sociabilidades fazem (...) [da feira] o palco possível da vida urbana” (CORADINI, 1995, p.21). As sociabilidades são tecidas no âmbito dos espaços públicos e privados, por meio das relações entre os indivíduos e suas capacidades de estabelecerem laços afetivos e sociais com outros personagens, tramando concatenações harmoniosas com seus semelhantes e convivendo coerentemente com as demais pessoas.

Nessas sociabilidades, os atores sociais ao representarem os espaços, simultaneamente, apropriam-se destes, imprimindo usos e significados. Ao se apropriarem dos espaços, os sujeitos sociais constroem os territórios, imbuídos de relações de poder. Essa apropriação acontece de forma simbólica e concreta, e pode ser individual ou coletiva, sendo dimensionada por várias operações humanas. No caso do espaço da feira livre, este é apropriado de diversos modos, com destaque para as atividades do setor informal e, conseqüentemente, terciário.

Assim, a feira livre de Caicó, caracterizada como uma rugosidade flexível^{vi}, ainda permanece sendo o espaço preferencial de uma boa parte de caicoenses e seridoenses^{vii} no desenvolvimento e realização de atividades comerciais e sociais, resistindo a expansão das inúmeras superfícies de varejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a feira de Caicó esteja perpassada por um processo de diminuição de representatividade, esta ainda se evidencia como lugar dos encontros, das tradições, das conversas, das

sociabilidades, das compras, vendas e permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas ou culturais, tecidas pelos caicoenses em consonância com outros atores sociais das cidades e plagas adjacentes. Nesse sentido, constata-se que todos os sábados, em dia de feira, a dinâmica do espaço central de Caicó aumenta consideravelmente, com incontáveis agentes sociais transitando pelas ruas e avenidas sinuosas da cidade, estabelecendo as tramas de territorialidades e, conseqüentemente, de sociabilidades no dia da feira livre.

REFERÊNCIAS

- CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Fundação Franklin Cascaes, 1995;
- BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. – vol. 2 – São Paulo: Martins Fontes, 1998;
- DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade: revisitando Caicó**. 110p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, mimeog.) – UFRN, Natal/RN, 1996;
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002;
- SOUZA, Elza Coelho. Feira de Gado. In: **Tipos e aspectos do Brasil**. - 10ª ed. - Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1975, p.172-175;
- VEDANA Viviane. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004;

ⁱ Acerca dos eventos, Santos (2002, p.145) destaca que estes “[...] são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. (...) Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história”. Os eventos, representados dentro e fora do espaço da feira, como acontecimentos de dimensão significativa, são eminentemente da atualidade, acontecendo no tempo e no espaço. Assim, como não vivenciamos um momento duas vezes, da mesma forma, os eventos não se repetem, são únicos. Esses eventos podem ser representados por casamentos, missas, batizados, campanhas eleitorais, dentre outras cenas tecidas no interior ou exterior dos mercados livres, mas que são protagonizadas em decorrência da realização do seu dia;

ⁱⁱ Segundo a antropóloga Viviane Vedana (2004, p.58), “Nas interações possíveis entre os personagens que compõem os ‘espaços públicos’ e os ‘espaços privados’, na feira-livre, estão estabelecidos os micro-eventos (...) ou micro-dramas (...), ou seja, pequenas cenas ou acontecimentos que representam a apropriação do espaço por estes atores sociais (...). A noção de micro-evento (...) é colocada (...) como uma maneira de viver o espaço público através das inter-relações entre os atores envolvidos em alguma cena social, como acontece na feira-livre, principalmente na interação entre fregueses e feirantes que, em geral, reúne diversos atores em uma situação de brincadeira ou piada. Um micro-evento, por excelência, aglutina grupos de pessoas em torno de um objeto comum que, segundo Abraham Moles (1982), pode ser de diversos tipos no que tange ao percurso de um ‘passante’ pelas ruas, desde um ‘artista de rua’ que realiza suas performances na calçada, até mesmo um encontro entre conhecidos em alguma esquina. No caso da feira-livre, o objeto principal destas interações são os alimentos a serem vendidos e comprados e os gestos que decorrem disso”;

ⁱⁱⁱ Segundo informações concedidas pelo historiador Muirakytan Kennedy de Macêdo, provavelmente a origem da Feira Livre, na atual Cidade de Caicó, remonta ao século XIX, visto que alguns acontecimentos ocorridos no seu âmbito aparecem em determinados processos-crimes desse século;

^{iv} Adjetivo pátrio para quem nasce no município de Caicó;

^v A Feira de Caicó acontece em seis dias da semana, sendo que a do sábado é a mais representativa, tendo um caráter regional e local. Quanto às feiras dos outros dias, essas são eminentemente locais. Opta-se a priori em analisar as territorialidades e sociabilidades do mercado livre que se realiza no sábado, visto que este se destaca por seu raio de abrangência regional;

^{vi} Rugosidade flexível seria uma espécie de formas movediças perpetuadas ao longo do tempo, que não se cristalizaram no espaço, mas que periodicamente estão inseridas numa determinada paisagem urbana ou rural;

^{vii} Adjetivo pátrio, historicamente utilizado, para quem nasce na Região do Seridó Potiguar.